

«Sara Blædel  
está sem dúvida  
entre os melhores.»  
Camilla Läckberg

# A DEUSA DA VINGANÇA



SARA  
BLÆDEL

A RAINHA DINAMARQUESA DO THRILLER

TOP  
SEL  
LER

*Para Gitte e Bo*

## PRÓLOGO

O primeiro soco atinge o maxilar do sem-abrigo ainda a porta da cave mal se tinha fechado. E não param, os socos. Batem-lhe incessantemente. À sala, onde um grupo de rapazes rodeia a sua vítima, não chegam nem a luz do dia nem os ruídos da rua, mas as duas lâmpadas penduradas no teto revelam que todos eles usam máscaras. Como as dos ladrões de bancos, a cara toda tapada, só os olhos à mostra.

O pobre homem, aterrorizado, cobre a cara com as mãos, numa tentativa fútil de se proteger dos golpes. Vira-se, tentando defender-se debilmente com os seus esguios braços, até dois dos agressores avançarem sobre ele e lhos prenderem atrás das costas. Logo a seguir, uma bota atinge-o com tal força no estômago, que o impede de respirar. Enrola-se sobre si próprio.

Aqueles rostos mascarados misturam-se uns com os outros, à medida que a violência se intensifica. Ninguém reage à súbita quietude que invisivelmente se estendeu sobre aquele pobre corpo, ali deitado no chão. Solta apenas um pequeno gemido quando outra bota o atinge na nuca. De resto, nada.

O homem já está inconsciente quando um dos jovens mascarados resolve certificar-se de que o seu corpo aparece nas filmagens. Faz sinal com a cabeça para um canto, de onde uma outra figura com a cara tapada, depois de pegar num tubo de ferro enrolado com fita, se aproxima lentamente. Para ao lado da vítima, já sem vida.

Todos os outros atacantes começam a aproximar-se, devagar, num círculo que se aperta cada vez mais em torno do cadáver e do homem que segura a barra de ferro. Entoam uma espécie de cântico, em coro. As vozes, que começam baixo, tornam-se cada vez mais fortes até que explodem num grito de celebração, no momento em que a barra de ferro atinge a cabeça do sem-abrigo e lhe esmaga o crânio.

Uma pancada, outra, várias. Ninguém conta quantas. Estão concentrados no intenso grito de guerra que cresce cada vez mais e se aproxima do êxtase enquanto o sangue se espalha pelo chão da cave.

Ninguém parece ter percebido que o anjo da morte passara por ali e levava consigo a alma daquele pobre homem.

Quando o filme chega ao fim, há um silêncio pesado entre aqueles cinco rapazes, que se mantêm muito quietos, com os olhos pregados no ecrã do computador.

Um deles tem pequenas gotas de suor no lábio superior; um outro tem os nós dos dedos completamente brancos. Um terceiro abana a cabeça, como quem acaba de acordar de um sono hipnótico, levanta-se e vai ao frigorífico da arrecadação, que está sempre muito bem abastecido, buscar cervejas.

Ninguém diz uma palavra, enquanto as cápsulas das garrafas saltam. Mas depois, de repente, desatam a falar. Todos ao mesmo tempo, excitados e ansiosos. Invade-os um sentimento de libertação orgásmico, lavado depois com cerveja forte.

Vão continuar embriagados de violência, pelo decorrer da noite, enquanto veem mais episódios de *Rostos da Morte*, uma série de filmes que mostram pessoas reais a serem mortas, homicídios gravados em direto.

Tinham feito vários downloads para o computador da arrecadação. No dia seguinte, à noite, há uma festa privada num dos clubes de vela no porto. Uma festa de miúdos. Radiantes consigo próprios, os rapazes tocam com os gargalos das garrafas uns nos outros e brindam.

Ah! Finalmente é fim de semana.

— **N**ão tenho um pingo de respeito por quem não aguenta o stress e por homens que tiram licença de paternidade. Pronto, está dito! E estou-me a marimbar para o que os tipos dos Recursos Humanos digam. Se não têm interesse ou energia suficiente para trabalharem na minha equipa de investigação, estão fora. Há uma data de gente que quer o vosso lugar e que sabe o que se exige num trabalho como o nosso.

O pálido sol de finais de setembro mostrava que a janela do Departamento de Homicídios, na sede da Polícia de Copenhaga, estava a precisar de ser lavada. A sujidade criara uma película de pó sobre o vidro salientando insetos mortos e dejetos de pássaros.

Louise Rick fechou os olhos por um momento, enquanto o superintendente Willumsen continuava a vociferar. Mais cedo ou mais tarde, iria dizer a sua frase preferida.

— Acho que já disse isto! — Cá está ela... — Quando trabalham comigo, é «Sim», «Não», pão, pão, queijo, queijo. Quero respostas claras. Isto aqui não é uma casa de repouso para freiras grávidas! Há uma guerra de gangues nesta cidade e tiroteios nas ruas. E como todos sabem, ontem à noite, foi morto um pai de família, dentro da sua própria casa, em Amager. O nosso trabalho não tem fim. Os malditos tiroteios estão a consumir-nos os recursos. O chefe do Grupo de Intervenção Especial da Polícia anda a recrutar gente em todos os departamentos, mas para nós o remédio é fazermos horas extraordinárias. Por isso, se estão com

problemas em casa, ou se não conseguem conciliar a vossa vida profissional com a vossa vida privada, o melhor é pedirem transferência para um departamento onde façam trabalho de secretária. É o que se espera que gente adulta faça...

Willumsen deixou o resto da frase por dizer, enquanto respirava fundo e limpava um dos cantos da boca. De certa maneira, Louise concordava em absoluto com ele. Era uma decisão tão pessoal que ninguém podia ou devia tomá-la por outra pessoa. Olhou para os colegas. Toft parecia um pouco cansado e Louise pensou que talvez já estivesse arrependido de ter aceitado o convite para voltar aos Homicídios. Por causa de uma reorganização de departamentos, há ano e meio, tinha sido colocado na esquadra de Bellahøj e foi-lhe dado um cargo que, mais tarde, acabou por também ser suprimido.

Michael Stig tinha inclinado a cadeira para trás. Olhava lá para fora, através dos vidros sujos, com os olhos semicerrados. Era óbvio que estava irritado por ter de ouvir o sermão de Willumsen quando nem sequer dizia respeito a nenhum dos inspetores que o superintendente tinha chamado para o seu gabinete, naquela tarde de sexta-feira.

O ataque de raiva era dirigido a Lars Jørgensen, o inspetor com quem Louise trabalhava em parilha e que na manhã desse dia tinha entregado uma baixa médica, para já, de um mês. Segundo o médico, teria de ficar em casa durante esse longo período por causa do stress. Mas quem conhecia o caso sabia que a verdadeira razão daquela baixa era a crueldade com que Willumsen passara a tratar Lars Jørgensen, desde que ele pedira para fazer um horário reduzido, porque a mulher o tinha deixado de coração partido e sozinho com os gémeos de 8 anos, mudando-se para casa de uma irmã, em Vangede.

Há já mês e meio que a mulher de Lars tinha deixado o marido e os filhos, para se encontrar a si própria e, desde então, ele passara a sair do emprego sempre à hora certa, de maneira a estar em casa quando os filhos voltassem da escola. Tinha pedido para não trabalhar ao fim de semana e Willumsen não parava de implicar com ele.

O superintendente era um homem rude e arrogante. Parecia ter prazer em enxovalhar as pessoas. Louise pôs-se a observar Willumsen. Tinha 50 e muitos anos, o cabelo ainda era escuro e o rosto mantinha as linhas angulosas. Estava bem conservado, mas a tensão gravara-lhe duas profundas rugas na testa, o que lhe conferia um ar feroz.

Voltou a pensar em Jørgensen. Uns dias antes, ao voltar do almoço, tinha encontrado o colega sentado, com a cara escondida nas mãos. Ele tentara disfarçar, fingindo que não era nada, que não tinha sido apanhado num momento de fraqueza. Mas após uns minutos de silêncio incómodo, Lars levantara-se e fechara a porta.

«Estou-me nas tintas para a maneira como este tipo anda a tratar-me», dissera ele, voltando para o seu lugar. O olhar era triste e Lars parecia mais pálido e muito cansado. «Mas da maneira como as coisas estão, como raio vou saber se algum dia chegarão a ser diferentes? Talvez ela nunca mais volte para casa. Não faço a mínima ideia de quando vai voltar a estar tudo nos eixos outra vez, percebes?»

Louise não lhe respondera. Não havia nada que pudesse dizer-lhe.

Lars olhara para ela e a inspetora percebera que o parceiro estava tão frustrado com a situação como o chefe que o maltratava. Lars Jørgensen não era o género de inspetor que desligasse o computador às quatro da tarde para ir buscar os filhos à escola e fazer compras no Føtex. Por outro lado, Louise também sabia que ele nunca abriria mão de estar com as crianças. A ideia de só ver os gémeos ao fim de semana, de 15 em 15 dias, não era para ele. Por isso, quando a mulher lhe anunciou que precisava de passar uns tempos sozinha, sem marido nem filhos, para poder pensar na vida, ele assumiu sozinho essa responsabilidade extra.

— E tu, Rick? — continuou Willumsen, no mesmo tom, arrancando-a aos seus pensamentos. — Também te estás a preparar para pedir baixa?

Louise olhou para o superintendente, por um momento, enquanto pensava se valia a pena incomodar-se a responder-lhe.

Decidiu-se por lhe dizer que não, com a cabeça. Já tinham discutido até à exaustão a responsabilidade que ela assumira quando resolvera adotar um rapaz de 12 anos. No entanto, jamais, durante todos aqueles meses, desde que Jonas Holm se tinha mudado para casa dela, o superintendente a tratara da maneira como agora fazia com Lars Jørgensen. Talvez porque a história de Jonas também o tivesse comovido. O miúdo tinha visto o pai morrer, abatido por um tiro na nuca, quando ambos estavam na quinta da família, na Suécia. A verdade é que Willumsen até lhe perguntava frequentemente pelo rapaz e parecia fazê-lo com genuíno interesse e preocupação.

— Podemos acabar a reunião e voltar às nossas tarefas? — Toft arrastou a cadeira para trás e tentou tirar partido do silêncio que caíra na sala. — Preciso de fazer um interrogatório antes de o fim de semana começar.

Willumsen disse que sim com a cabeça, mas voltou a chamá-lo antes de ele ter tido tempo de chegar ao corredor.

— Temos este caso de Amager — disse ele, olhando em volta. — Precisamos de interrogar o suspeito que foi detido na sequência do tiroteio da noite passada, no duplex de Dyvekes Allé. Alguns destes *motards* tornaram-se uns tipos tão refinados que já não querem defensores oficiosos. Têm os seus próprios advogados. É o caso deste, que está sentado há horas à espera de que a advogada volte de um julgamento em Jutland. Deve estar cá por volta das 18 horas. — Willumsen olhou para Louise. — Encarregas-te disso, Rick?

Louise, que estava de costas para o superintendente, ficou um momento parada, em silêncio, e só depois se voltou e olhou para ele.

— Hum... desculpa. O Jonas tem uma festa de uma colega, amanhã, e eu preciso mesmo de ir para casa e, de caminho, comprar os ingredientes para fazer as almôndegas para ele levar. E tenho de entregar umas cadeiras que me pediram emprestadas para a festa, por isso, é melhor não contares comigo para isso. Tenho de sair já.

Louise saiu da sala sem sequer esperar que o superintendente lhe respondesse, mas ainda ouviu Michael Stig oferecer-se para

interrogar o suspeito do tiroteio. O colega apanhou-a quando ainda ia a caminho do átrio. Por um momento, Louise pôs a hipótese de Stig estar à espera de que ela lhe agradecesse, mas afinal ele queria era perguntar-lhe por Camilla Lind.

— Já se foi embora?

Louise disse que sim, com a cabeça.

— Fomos levá-los ao aeroporto hoje de manhã. Primeiro, vão a Chicago, depois seguem para Seattle e ficam até quarta-feira. A partir daí, alugam um carro e descem a Costa Oeste.

— Vão estar fora quanto tempo? — perguntou ele.

Louise ainda não conseguira habituar-se ao facto de Michael Stig, com quem nunca simpatizara muito, ter desenvolvido um genuíno interesse pela melhor amiga dela. A coisa tinha começado na Suécia, na quinta onde a família Holm passava sempre as férias, no dia em que Jonas tinha visto o pai ser assassinado. Michael Stig e Louise tinham levado Camilla no carro, com eles, naquela corrida contra a morte, mas infelizmente tinham chegado tarde demais. Depois disso, Stig e Camilla tinham mantido contacto e ele fora visitá-la várias vezes ao hospital.

Louise ainda tinha dificuldade em perceber como é que uma investigação sobre dois traficantes de mulheres da Europa de Leste acabara de maneira tão trágica. O caso deixara marcas profundas e levava Camilla a tirar uma licença sem vencimento do jornal onde trabalhava.

— Dois meses. Vão ter muito tempo para irem de carro até San Diego — respondeu. — Mas podes mandar-lhe um e-mail, ou uma SMS. Ela disse-me que os veria, de vez em quando, mas que não iam perder tempo com o *Facebook*.

Michael Stig assentiu. Louise encaminhou-se para a saída, mas ele continuou onde estava.

— E como é que ela está?

Louise parou e pensou um pouco, antes de decidir dizer-lhe a verdade:

— Péssima! Aqui entre nós, nem sequer acho que tenha sido uma atitude responsável da parte dela ter levado o Markus numa

viagem tão longa. A Camilla ainda está feita em fanicos psicologicamente. Está completamente desequilibrada. No fundo, ela acha que fugir resolve o problema. Porque é exatamente isso que está a fazer. Está a fugir, apesar de lhe chamar outra coisa. Diz que está a ter tempo de qualidade com o filho. A Camilla está a voltar costas ao que aconteceu, está a fugir de alguém ou de alguma coisa que a lembre disso, porque ainda não é capaz de enfrentar a situação. E, sinceramente, não sei se alguma vez vai ser capaz. Acho que teria feito melhor se gastasse o tempo e o dinheiro da viagem num bom psiquiatra. — Louise pensou no dinheiro que Camilla tinha pedido emprestado ao pai para poder viajar com Markus durante tanto tempo. Depois, acrescentou: — Ela culpa-se por tudo o que aconteceu e não consegue viver com ela própria... Não consegue viver a vida dela por causa disso. — Percebeu que o tom da sua última frase soara um pouco ambíguo, pelo que mudou rapidamente de assunto: — E a vítima do tiroteio de Amager? Achas que ele vai conseguir alguma coisa?

Michael Stig encolheu os ombros:

— Se não conseguir, podes ter a certeza de que o Willumsen te liga durante o fim de semana!

— **S**abes quantas pessoas vão à festa? — gritou Louise para Jonas, tentando perceber se três quilos de carne picada eram suficientes para fazer as almôndegas. Aquilo era um mundo completamente novo para ela. Nunca na vida tinha tido de pensar em folhados de salsicha, minipizzas e restante comida de plástico e não fazia a mínima ideia da quantidade de almôndegas que uma turma de miúdos do sétimo ano era capaz de comer, já que haveria outras coisas na mesa.

*Quem me mandou armar em esperta e dizer à mãe da Signe que lhe levava as almôndegas?*, pensou, muito irritada. Era a festa de despedida de uma menina que ia mudar de escola e não uma festa de turma e ninguém lhe tinha pedido para levar nada. Ela é que se oferecera.

— Umas 25, acho eu — respondeu Jonas. O rapaz tinha uma voz rouca, que o fazia parecer sempre à beira de uma amigdalite. Mas, na verdade, tinha uma doença chamada papiloma laríngeo múltiplo: pequenas protuberâncias nas cordas vocais. Iriam desaparecer com o tempo, mas até lá, emprestavam à voz de Jonas um tom áspero, enferrujado, muito característico. — É a nossa turma e mais uns amigos dela, da escola de música.

— E adultos?

Louise saiu da cozinha e foi até à porta daquele que, até há pouco, tinha sido o quarto de visitas, mas que agora era o quarto de Jonas. Ele estava deitado na cama, a ler, o cabelo escuro a cair-lhe

para os olhos. Ela percebeu que lhe custou tirar os olhos do livro, mas a sua boa educação fez com que, mal viu Louise, se levantasse e respondesse com toda a atenção às perguntas que ela lhe fazia:

— Só a mãe dela, acho. Queres que vá comprar a carne picada para as almôndegas?

Louise sentiu uma picada no peito e recusou, abanando a cabeça. Havia sempre delicadeza e insegurança em tudo o que Jonas dizia e fazia, como se fosse um rapaz muito bem-educado que estivesse ali apenas de visita. Se fosse mesmo filho dela, Louise tinha a certeza de que ele não se teria levantado da cama, teria continuado com o nariz enfiado no livro e só a muito custo teria permitido que ela o interrompesse. Era desolador perceber quão transparente era a vulnerabilidade daquela criança.

Jonas tinha apenas 4 anos quando a mãe morrera, com uma doença congénita no sangue, e perdera o pai aos 11. Não tinha mais nenhuma família, nem sequer um parente distante, ou quaisquer outras relações, quando a tragédia aconteceu. Conhecia Louise há muito pouco tempo, mas tinha pedido para ficar com ela. Por isso, a inspetora pensara bem no assunto e decidira que, se Jonas a considerava o porto de abrigo mais seguro, então era muito bem-vindo e podia ficar a viver com ela. Pelo menos até conseguir ter algum distanciamento em relação àquela traumática experiência pela qual tinha passado. Nessa altura, encontraria uma solução mais permanente. Mas, por enquanto, ela substituíra a mãe que ele tinha perdido e daria o melhor de si para desempenhar esse papel.

— É melhor irmos lá levar as cadeiras — disse ela, olhando para o relógio.

Jonas largou imediatamente o livro e apressou-se a segui-la.

LOUISE BAIXOU O BANCO traseiro do seu velho *Saab 9000* e entre os dois conseguiram encaixar oito cadeiras desdobráveis lá atrás, mais os dois banquinhos que ela tinha encontrado no sótão.

Depois de passarem por Svanemøllen, ela virou à direita na Strandvænget e estacionou em frente ao portão branco do jardim

da casa da colega de Jonas. Na caixa de correio lia-se «Fasting-Thomsen».

— A Signe escreveu no *Facebook* dela que vamos andar de barco! — Jonas sorriu e olhou para o cais de Svanemølle. — Vai ser fixe. E comemos quando voltarmos do passeio.

O carreiro do jardim cheirava a rosas de fim de verão. Louise parou, por uns instantes, e Jonas passou por ela a correr. Do interior da casa chegava o som de uma música clássica que enchia o alpendre onde Jonas já estava, o dedo espetado na campainha da porta.

Foi o pai de Signe que abriu. Ainda estava de casaco vestido, mas sorriu mal os viu e estendeu a mão, dizendo que se chamava Ulrik. Quando entraram para o vestíbulo, ele desculpou-se pelo volume da música e, pela porta que dava para a sala de estar, pediu a Signe que a baixasse.

Louise conhecia mal Signe e a mãe, Britt. Tinha estado com elas uma vez, num dia em que Jonas tinha ido para casa da amiga, depois das aulas, e ela tivera de o ir buscar à hora do jantar. Mas sabia que Signe tocava violoncelo e que era uma intérprete talentosa — tal como a mãe, por acaso, que era pianista e, durante anos, tinha tocado música de câmara. Mas Jonas contara-lhe que Britt Fasting-Thomsen tinha sido obrigada a abandonar a carreira porque sofria de qualquer coisa a que ele chamou «cãibra do escritor». Agora, era professora no Conservatório de Música.

— A Signe ainda nem acredita que conseguiu entrar na Escola de Música — disse Ulrik. — Por isso, ela e a mãe resolveram voltar a ouvir tudo o que temos na nossa coleção de música clássica. É interminável! — sorriu e abanou a cabeça, complacente.

Há menos de uma semana, ao voltar das aulas, Jonas contara a Louise que Signe tinha sido admitida na Escola de Canto e Música de Santa Ana. Ainda estava no terceiro ano quando fizera o exame de admissão pela primeira vez, mas não tinha conseguido entrar. E o mesmo acontecera nos anos seguintes. Mas finalmente, agora, tivera sucesso.

Louise mal conseguira disfarçar o sorriso enquanto ouvia Jonas contar-lhe que os pais de Signe tinham sido chamados à

escola porque, de repente, tinha havido uma vaga e queriam saber se ela ainda estava interessada.

«Ela é supertalentosa e, agora que vai para lá, tenho a certeza de que vai ser superfamosa e vai dar uma data de concertos em todo o mundo.» Olhara para Louise, muito sério, e falara-lhe da festa de despedida. «É no sábado, para lhe desejarmos boa sorte na nova escola. Posso ir?»

Tinham planeado ir passar o fim de semana ao campo, a casa dos pais de Louise, em Hvalsø. Mas perante aquilo, ela não tivera coragem de lhe lembrar que já tinham combinado outra coisa. E um dia depois estava a oferecer-se para fazer as almôndegas.

— Esta última semana passou a correr — disse Ulrik. Passou a mão pelo cabelo escuro, só com uns salpicos de cinzento nas têmporas. Havia qualquer coisa nas feições dele que lembrava a Louise um Robert De Niro em jovem, embora mais alto. — Infelizmente, não vou poder estar na festa, amanhã — anunciou, um pouco contrariado. — Sou consultor de investimentos e hoje à noite começa um fim de semana de planeamento estratégico da minha empresa, vamos reunir-nos no Castelo de Dragsholm, em Odsherred. — Jonas estava a ouvir Ulrik educadamente, mas Louise era capaz de apostar que estava morto por ir ter com Signe. Mas Ulrik não se calava e agora estava a contar-lhes que, há seis meses, tinha contratado um estratega de investimentos suíço para dar uma palestra motivacional aos funcionários da sua empresa e, por isso, não tinha conseguido reagendar o seminário tão em cima da hora. — Esse género de gente tem sempre umas agendas muito apertadas! — Encolheu os ombros e olhou para as pilhas de toalhas de mesa e de louça que estavam ali, no chão. — Mas não vou ao jantar de boas-vindas, para poder ajudar a levar isto tudo para o clube de vela. A Britt diz que consegue fazer o resto sozinha e, conhecendo-a como conheço, tenho a certeza de que sim. — Sorriu e continuou a falar, dizendo que tinha sido uma sorte terem conseguido reservar a sala de festas do clube de vela tão em cima da data da festa. — Têm tudo cheio e nem sequer tinham mesas e cadeiras disponíveis. Mas lá acabaram por nos

arranjar umas quantas mesas e nós levámos algumas cadeiras. Tinha sido mais fácil fazermos a festa aqui em casa, mas a Signe nem quis ouvir falar em tal coisa. Quer levar os amigos todos a andarem de barco à vela, antes da refeição.

— Também é a sua mulher que vai levá-los, sozinha, a andar de barco? — quis saber Louise, lembrando-se de como Britt era frágil.

— Não! Não! — Ulrik deu uma gargalhada e abanou a cabeça. — Combinei tudo com um marinheiro que conheço há muito tempo e que tem um grande veleiro no porto. O nosso barco é bastante grande, mas não conseguimos levar 25 miúdos lá dentro. — A música clássica continuava a soar, muito alto, e Jonas estava constantemente a espreitar para dentro da sala. — Devem estar na cozinha — disse Ulrik, afastando-se para os deixar passar. — Deve ser por isso que não vos ouviram chegar.

Louise olhou em volta, enquanto atravessavam a sala de jantar. Era grande e luminosa, com arte moderna nas paredes e uma mesa onde podiam sentar-se dez pessoas de cada lado. Havia mais duas ou três salas, todas elas com vista para o porto. Numa dessas salas Louise viu o bonito piano de Britt e, ao lado, o violoncelo de Signe.

A cozinha era, à vontade, do tamanho da sala de estar de Louise.

À primeira vista, parecia uma cozinha antiga, onde nada tinha sido mudado ao longo dos anos, a não ser o caríssimo fogão francês, com dois fornos, que ocupava quase uma parede inteira. Tudo o resto tinha sido mantido no estilo clássico da década de 20, com portas altas e armários de vidro. Mas, quando se olhava com mais atenção, percebia-se que os armários tinham sido cuidadosamente restaurados para terem aquele aspeto.

— Olá! — gritou Signe, muito feliz. Quando abraçou Jonas, os caracóis ruivos caíram-lhe para a cara. Os seus olhos verdes brilhavam. Louise também teve direito a um abraço rápido antes de ela ir à sala desligar a música, para poderem conversar sem estarem aos gritos.

— Trago as cadeiras para aqui ou querem que as leve para o clube de vela? — perguntou Louise.

Britt acabou de tirar a massa que tinha colada aos dedos e cumprimentou as visitas.

— Não, não precisa de se preocupar com isso — respondeu Ulrik que estava de pé, atrás dela. — Tenho de ir lá levar o resto das coisas e, no fim, venho buscar as cadeiras.

— Posso ir lá consigo. Assim, não é preciso andarmos a passá-las de carro para carro...

— Posso ficar aqui, enquanto vais lá? — pediu Jonas.

Louise olhou para Britt, deixando a decisão nas mãos dela.

— É claro que podes! — convidou a mãe de Signe.

— OK, boa! Então, vou levar as cadeiras lá abaixo e já cá venho buscá-lo.

Signe levou Jonas para o quarto, para a ajudar a escolher os CD para a festa.

— Amanhã não vai haver muita música clássica — disse Britt. — Isso é só quando ela está em casa, concentrada. — Britt puxou para trás da orelha uma pequena madeixa e uma pequena bolinha de massa ficou presa no seu cabelo cortado à pajem. Aquele pedacinho de massa ficou ali, pendurado, a distrair Louise. A mãe de Signe era uma mulher baixa e magra, elegante sem ser demasiado delicada, e falava sempre da filha com muita ternura. — Espero que ela se dê bem na nova escola — disse Britt. — Foi uma decisão difícil, ela gostava muito da escola onde andava e adorava os colegas. Mas poder estudar numa escola de música como Santa Ana é uma grande oportunidade. Vai aprender os fundamentos da estrutura musical e vai aprender a ler melhor uma pauta. E há o coro, claro! Ela quer muito fazer parte do coro.

Louise assentiu. Sabia muito pouco sobre a Escola de Canto e Música de Santa Ana, a não ser que era uma escola frequentada por crianças especialmente dotadas para a música. Na verdade, nem sequer sabia que era possível fazer a escolaridade obrigatória ali, pensava que só tinham aulas de música como atividade extracurricular.

Britt apagou duas bonitas velas que ardiam no parapeito da janela, evitando que a cera derretida caísse no caríssimo chão da cozinha. Abriu o forno, para verificar o estado da cozedura do pão e pôs mais um bocado de massa numa tijela, para que levedasse.

— Para amanhã encomendei sushi. Quem não gostar come as suas almôndegas. E também vou pôr no forno uns palitos de frango e há pão. Acha que esta comida chega? — Louise encolheu os ombros, pedindo desculpa. E confessou que não tinha grande experiência no assunto. Britt sorriu e abanou a cabeça. — O Jonas parece ser muito feliz consigo. Quando a tragédia aconteceu, ficámos preocupados, com medo de que ele não conseguisse recuperar. É um miúdo fantástico, mas muito sensível. Ele a Signe são colegas desde que entraram para a escola e ele sempre veio muito cá a casa. Têm o gosto pela música em comum. — Louise assentiu. Jonas tocava guitarra desde os 9 anos. Mas não música clássica e estava muito longe do nível de execução que Signe atingira com o violoncelo. A miúda tinha bebido música à mistura com o leite materno. Desde bebé que andava com a mãe para todo o lado onde ela atuava. — Foi muito simpático ter-se oferecido para trazer as almôndegas. Acho que isto está a ficar tudo organizado! Amanhã, entregam o sushi e os refrigerantes no clube de vela e eu e a Signe vamos ter muito tempo para pôr a mesa e tratar-mos da decoração. Depois, enquanto eles estiverem no passeio de barco, ainda vou poder fazer alguma coisa que seja necessária.

— Amanhã levo as almôndegas quando for deixar o Jonas — disse Louise.

Ulrik entrou na cozinha e anunciou que estava pronto para partir. Louise apertou o blusão.

— O Jonas pode dormir cá, se não se importar — convidou Britt. — Ou, se quiser que ele vá sozinho, apanha o autocarro 14, ou vai de comboio até Svanemøllen.

Louise ficou pensativa por um momento. Passava pouco das 19 horas. Se Mik não tivesse nada combinado, podia ir ter com ele a Holbæk. Isso era outra coisa a que tinha de se habituar agora que «tinha uma criança». Os fins de semana haviam deixado de

significar ter tempo livre para essas coisas. Apesar de, por vezes, Louise ter saudades do seu colega da Polícia de Holbæk, ela não chegava a ponto de dizer que o que havia entre eles fosse uma relação. Mik costumava dizer que eles tinham uma relação instável à distância que estavam a tentar normalizar, mas Louise gostava de pensar naquilo como sexo casual e tinha de confessar que se sentia muito confortável com isso. Mas também era obrigada a admitir que, às vezes, sentia falta de Mike naquele momento estava com muita vontade de estar com ele. Se acordassem cedo, na manhã seguinte, ainda podiam ir andar de caiaque, no fiorde.

— SIM! — gritou Signe quando soube que Jonas ia ficar a dormir lá em casa. Sempre que sorria, as sardas uniam-se no nariz. — Podes ajudar-me a fazer os marcadores de lugares — disse ela a Jonas. — Tens uma letra tão bonita.

— Já arranjaram com que se entreter — disse a mãe da rapariga, sorrindo.

Ulrik estava a carregar o carro e Britt e Louise juntaram-se a ele.

— É bom a Signe ter coisas para fazer — continuou Britt. — Está tão feliz com a festa que quase não se aguenta!

A porta do anexo onde Mik tinha a oficina estava aberta. Louise estacionou em frente da casa de campo e atravessou o quintal. Um *pointer* de pelo cerdoso foi logo cumprimentá-la, aos pulos, muito excitado.

— Olá! — gritou a inspetora, à medida que as pedrinhas do caminho lhe estalavam sob os pés.

— Olá! — a resposta chegou-lhe de dentro da oficina. E depois Mik apareceu à porta do anexo, vestindo umas calças de ganga rasgadas e uma camisa de manga comprida com uma enorme nódoa à frente. — Desculpa — disse ele, apontando para si próprio. — Estou a consertar o caiaque, para estar pronto para amanhã. Não tarda, começa a ficar demasiado frio para se poder ir para o mar. Mas como o tempo está bom, já combinei com o grupo do costume uma saída para este fim de semana. Podes vir connosco.

Louise sorriu-lhe. Já lhe tinha dito que precisava de estar de volta a Copenhaga no dia seguinte, antes da hora do almoço.

Mik aproximou-se e afastou-lhe da cara os cabelos escuros e encaracolados. Abraçou-a e Louise sentiu os músculos dos braços e das costas dele. Mik beijou-a. Louise sorriu e deslizou as mãos pela pele das costas dele, levantando-lhe a camisa.

— Entramos ou tiramos a roupa já aqui?

Mik desfez o abraço e olhou na direção da oficina.

— Tenho de acabar de arranjar o caiaque — disse ele. Louise deixou descair as mãos. — Puxei-o com força a mais num sítio

onde havia pedras e uma delas fez um rombo na quilha. E depois o cabo partiu-se. Está mesmo em mau estado.

— Mas não podes acabar de o arranjar amanhã? Levantávamo-nos cedo — sugeriu Louise, enquanto caminhava atrás dele em direção à oficina.

— Não... Quero despachar isto hoje. — Mik aproximou-se do caiaque, que estava suspenso sobre dois cavaletes. Foi à mesa de trabalho buscar uma chave Phillips e pôs-se a apertar um parafuso.

O *pointer*, instalado a um canto, olhava para Louise com ar de quem não percebia porque é que ela estava a demorar tanto tempo para lhe fazer festas. — Podes ir andando para casa e fazes café para nós, ou abres uma garrafa de vinho — propôs ele, sorrindo. — Aproveito o facto de ter o barco aqui em cima e lixo-lhe a parte de baixo, que está a precisar. — Louise suspirou. Não queria café. Queria-o a ele e não estava a contar ter de ficar à espera de que terminassem as aparafusadelas e as lixadelas ao barco. Passou pelo caiaque, dirigindo-se à bancada de trabalho, a única superfície completamente limpa daquela oficina. — Ou podes esperar por mim na sala de estar. — Havia um rolo de lixa em cima da mesa e Mik rasgou um pedaço.

— Vim para estar contigo — disse ela, e sentou-se no tampo da mesa de trabalho.

— E isso é fantástico! — respondeu-lhe ele. Mik sorriu, mostrando o dente torto, mesmo à frente, e essa visão fez com que Louise se sentisse invadida por um calor agradável. — Se soubesse que vinhas, tinha feito isto mais cedo.

Louise concordou, com a cabeça. Sabia que era verdade. Mik era sempre muito atencioso. No início da semana tinha-lhe perguntado se iriam estar juntos no fim de semana, e ela tinha dito que não, porque Jonas tinha a festa de Signe. Por isso, Louise sabia que não tinha o mínimo direito de se zangar com ele por estar a fazer outras coisas quando resolveu ligar-lhe em cima da hora e anunciar que, afinal, podiam estar juntos. E, no entanto, não conseguia evitar sentir-se um bocadinho irritada por ter de esperar.

Pôs-se a observá-lo, enquanto ele trabalhava, deslizando a lixa pelo fundo do barco. Mik tinha arregaçado as mangas e Louise conseguia ver os músculos e os tendões a avolumarem-se sempre que ele lixava os cantos mais pequenos e recônditos. Era muito meticoloso, e os seus movimentos provocavam um arrepio a Louise.

De repente, foi invadida por uma recordação. Tinha 17 ou 18 anos e estava numa oficina com um grupo de rapazes que se entretinham a modificar e melhorar as suas motos. Os donos da quinta onde ficava essa oficina eram pais de um amigo dela e a *Suzuki* dela tinha sido a mais modificada e melhorada de todo o distrito. E também tinha sido graças a esse amigo que conseguira tirar a carta de mota aos 19 anos.

Louise sorriu, pensativa, e Mik lançou-lhe um olhar intrigado. Ela abanou a cabeça.

— Nada!

— Nada, não — disse ele, atirando para o chão um pedaço de lixa usada. — O que foi?

— Estava para aqui a pensar que, quando somos obrigados a esperar numa oficina, normalmente saímos a lucrar. Sobretudo, se temos interesse na pessoa por quem temos de esperar.

Mik levantou uma sobrancelha, irónico.

— É isso que a tua experiência te diz? — ficou a olhar para ela, inquisitivo.

Louise confirmou, com a cabeça, e sorriu, vendo-o aproximar-se. Mik limpou as mãos às calças de ganga e puxou-a para a ponta da mesa. As mãos dele deslizaram por baixo da blusa dela. Louise sentiu cócegas no ouvido quando Mik se inclinou e lhe sussurrou:

— Porque é que não entras e nos preparas dois *irish coffees*?

**C**amilla sentiu a perna dormente. A manta do avião tinha escorregado para o chão e a pequena almofada deixara-a com dores no pescoço.

Os assistentes de bordo estavam a recolher, junto dos passageiros, os formulários de entrada nos Estados Unidos. O ecrã de informações, colocado nas costas do assento da frente, indicava que faltava uma hora e catorze minutos para aterrarem em Chicago. Ainda não tinha acertado o seu relógio de pulso às nove horas a menos da Costa Oeste — custava-lhe ter de passar duas vezes pelas mesmas horas do mesmo dia.

Markus continuava de olhos pregados num filme da Disney e pouco tinha falado durante todo o voo. O cabelo louro do filho estava todo em pé e tinha as calças de fato de treino amarrotadas, em volta das pequenas ancas. Uma das pernas estava dobrada debaixo do rabo e tinha posto a manta e a almofada atrás das costas, para estar sentado numa posição mais confortável. Os cotovelos descansavam sobre a mesa e segurava a cabeça entre as mãos.

Camilla fez-lhe uma festa na cara, mas Markus afastou-se. Não queria ser incomodado. Depois de se despedirem de Louise, ao pé das escadas rolantes do Terminal 3, o clima entre eles ficara sombrio e mal tinham falado um com o outro. Camilla ainda tentara falar sobre o assunto, mas o filho recusara, encolhendo os ombros e desviando o olhar.

*Está a sentir-se inseguro*, pensou ela. Devia ser a incerteza de estar longe de casa durante dois meses, sem saber muito bem o que iria fazer durante todo esse tempo, a não ser viajar por aquele itinerário que ambos tinham traçado previamente num grande mapa da América que tinham desdobrado em cima da mesa da sala de jantar. *E também deve ser difícil para ele ficar tanto tempo sem ver o pai.*

Camilla concordara, de boa vontade, que Markus passasse com Tobias a semana que antecederia a viagem. Mas ele ficara muito aborrecido quando percebera que o pai não iria despedir-se dele ao aeroporto. No dia da partida, Tobias tinha uma reunião, logo de manhã, em Funen. Em vez de os levar ao aeroporto, Tobias tinha tido a infeliz ideia de ligar na noite anterior para dizer ao filho que ia ter muitas saudades dele, o que deixou Markus a chorar e sem a mínima vontade de ir viajar com a mãe.

E, como se não bastasse, Tobias enchera o filho de presentes e pedira-lhe que abrisse um de cada vez, de hora a hora, apesar de saber que isso só iria servir para aumentar ainda mais as saudades que o miúdo sentia dele. Quando estivessem há uma hora no ar, Markus devia abrir o primeiro embrulho e, a partir daí, abriria os outros, hora a hora — um livro de banda desenhada do Pato Donald, um baralho de cartas, um pacote de gomas *Haribo*.

Camilla apanhou o seu cabelo louro num rabo de cavalo, ajeitando o elástico para que não a magoasse quando encostasse a cabeça às costas do assento. Tentou ler, mas acabou por desistir e arrumou os jornais dinamarqueses dentro do saco. O pequeno ecrã à sua frente mostrava agora um texto, que ia descendo. Markus abanou a cabeça, tentando voltar à realidade. Pediu um sumo à assistente de bordo que passava por ele com o carrinho das bebidas. Mudou de posição algumas vezes, tentando ajeitar a almofada debaixo da cabeça, atirou a manta ao chão e, finalmente, pousou a cabeça no ombro da mãe.

Durante uns segundos, Camilla ficou muito quieta e aproveitou aquele momento de proximidade com o filho. Depois, levantou o braço e rodeou os ombros de Markus. Levantou o descanso de braços que havia entre eles e puxou o filho mais para si.

— Queria tanto ter ido à festa da Signe... — murmurou Markus.

Deixou que Camilla lhe passasse os dedos pelo cabelo sem se afastar. Ela percebeu que o filho devia sentir muito a falta dos amigos. Ela própria sentira um nó na garganta ao abraçar Louise no aeroporto. Era difícil imaginar que iria estar longe de tudo e de todos durante tanto tempo.

Camilla fechou os olhos e tentou dormir um bocadinho, antes de aterrarem e de terem de passar pelo controlo de passaportes.

**F**ritar as almôndegas demorou bastante mais tempo do que Louise previra. Mas já tinha posto as últimas na frigideira quando Willumsen lhe ligou.

— O tipo morreu — começou logo por dizer o superintendente. — O óbito da vítima do tiroteio de Amager tinha sido declarado uma hora e meia antes. — Tens de ir falar com a viúva. Tem uma filha ainda bebé. Neste momento, a família está toda no Hospital Nacional, por isso, o melhor é esperares até logo à noite. — E acrescentou que queria o relatório da conversa com a mulher da vítima em cima da secretária antes do meio-dia de domingo. Ia estar a trabalhar, na sede, durante todo o fim de semana. — Já li o relatório dos nossos colegas da esquadra de Amager — continuou. — É muito estranho que nem a mulher nem a criança tenham sido atingidas durante o tiroteio. A vítima foi atingida com 11 tiros, disparados através dos vidros da cozinha e da sala do duplex onde morava. A casa ocupa um rés do chão e um primeiro andar e fica numa esquina, numa zona residencial muito na moda, atrás de Amagerbrogade. — Louise estava a falar com o chefe ao mesmo tempo que tirava a frigideira do lume. Ainda se sentia um pouco zozza, por causa da noite mal dormida. Mas, em compensação, não faltara sexo. Ela e Mik passaram tanto tempo abraçados simplesmente a ver filmes, que Louise chegara a perder a esperança de que a noite fosse mais do que isso, mas por volta da uma da manhã, arrastara Mik para o quarto e ele,

finalmente, acordara. — Os técnicos do laboratório de polícia criminal encontraram balas de quatro armas diferentes e buracos de balas nas paredes e nas madeiras de todas as divisões — informou Willumsen.

— Tenho de ir deixar o Jonas a uma festa e a seguir passo por lá.

O superintendente pareceu ficar satisfeito.

— Desde o tiroteio, pusemos patrulhas extra na rua — acrescentou ele. — Se isto estiver relacionado com a guerra entre gangues, temos de estar atentos a mais do que provável contra-ataque.

— O tipo que morreu andava metido nisso? — perguntou Louise, enquanto transferia as almôndegas da frigideira para o recipiente onde as iria transportar.

— É possível — admitiu Willumsen. — Droga. Dinheiro. Poder e território. Louise suspirou e pediu ao superintendente que lhe desse a morada. — Pede ao Toft. E como agora o Lars Jørgensen está de baixa, vais ter de ir lá sozinha. O resto da brigada está ocupada com os três gajos que já prendemos.

Como tinha sido a primeira a sair, Louise não fazia ideia de que já tinham prendido tanta gente.

— E como está a correr o interrogatório? — quis saber.

Willumsen bufou.

— De forma completamente previsível! O tipo recusa-se a abrir a boca. E a advogada atrasou-se uma hora e, quando chegou aqui à sede, já passava um bom bocado das 19 horas. E ainda quis falar a sós com o cliente, antes de começarmos. Enfim, a coisa acabou por se tornar uma sessão da meia-noite sem muito sucesso — disse ele, e acrescentou que começava a ver as vantagens de os gangues rivais se liquidarem uns aos outros. — Arrumava-se o assunto, pronto! E voltávamos a ter um pouco de paz nas ruas e nós não precisávamos de gastar a nossa energia com isso.

LOUISE VIROU NA SVANEMØLLEN e continuou em frente, para o porto. Os clubes de vela e os restaurantes acolhedores e despreziosos que serviam porco assado e guisado à moda do capitão

ainda atraíam muita gente, apesar de a época alta estar a chegar ao fim. Ao longe, viu a luz das velas, acesas ao longo do pontão de madeira que levava ao pequeno terraço do clube de vela. Já tinham chegado alguns convidados.

— Vai haver um brinde de boas-vindas no barco — disse Jonas. — Ele vestia uma t-shirt nova da *Björkvin* e tinha posto um pouco de gel extra no cabelo, para o manter afastado dos olhos. — Depois de comermos vai haver música para dançarmos e um bar com cocktails e refrigerantes.

— Tudo sem álcool, espero! — exclamou Louise.

Surpreendido, Jonas olhou para ela com as sobrancelhas levantadas.

— O que é que achas? — perguntou ele.

Louise e Camilla já tinham conversado sobre o assunto e chegado à conclusão de que, por enquanto, podiam estar descansadas porque o álcool e as bebedeiras ainda não estavam no radar dos miúdos. Assim sendo, as festas ainda eram algo inofensivo.

O cheiro das almôndegas inundava o carro. Louise tirou os recipientes das almôndegas do banco traseiro, onde tinham viajado, entre o equipamento de caiaque. Passou uma a Jonas e pegou na outra, dirigindo-se à festa e cumprimentando Signe e a mãe, que estavam de pé, à entrada, a receber os convidados.

Signe usava um vestido lilás. O seu longo cabelo ruivo caía em caracóis suaves e uma maquilhagem muito suave fazia sobressair os seus lindos olhos verdes. Britt no seu usual estilo mais clássico, usava um fato de calças e casaco em seda, muito chique. Louise e Jonas tiveram direito a muitos beijos e abraços e depois foram deixar as almôndegas na cozinha.

— Divirtam-se! — disse Louise. — Eu venho buscar o Jonas por volta das 22h30.

— Nessa altura, espero que possa ficar um pouco para beber um copo de vinho connosco — disse Britt. E explicou que, normalmente, os pais também aproveitavam para conviver um pouco, enquanto os filhos estão nas festas. — Eles divertem-se e nós conversamos um bocadinho uns com os outros.

Parecia uma boa ideia e, por isso, Louise agradeceu e prometeu aceitar o convite. E iria fazer todo o possível para não faltar, apesar de ter trabalho para fazer.

Jonas ficou a conversar com um grupo de colegas. Louise acenou-lhe adeus. Não havia abraçinhos de despedida quando os amigos estavam por perto! E Louise também não queria ultrapassar os limites que ele tinha traçado, não queria impor-lhe as suas carícias. Às vezes, era Jonas que punha o braço por cima dos ombros dela e a abraçava. Mas havia alturas em que era muito evidente que ele queria ser deixado em paz.

A caminho do carro, Louise cumprimentou, um tanto ausente, algumas crianças e os seus pais. Já tinha a cabeça em Mie Hartmann, que ainda há menos de três horas estava sentada ao lado do marido, enquanto ele morria, vítima dos ferimentos causados pelas balas.

Louise suspirou profundamente e introduziu a morada no GPS.

O duplex ficava num prédio de esquina e tinha uma cerca à volta. Havia vários carros estacionados junto ao passeio. No rés do chão do apartamento onde os Hartmanns viviam, o vestíbulo e a cozinha estavam às escuras, mas Louise sabia que havia gente em casa. Tinha ligado antes para perguntar se podia passar por lá às 18h30 e a mãe de Mie garantira-lhe que sim, pois a essa hora já teriam regressado do hospital. Dadas as circunstâncias, a filha e a neta iriam passar os próximos dias com ela e Mie tinha de passar por casa para ir buscar algumas coisas.

No andar de cima, Louise viu uma luz fraca que saía pelo plástico acinzentado que cobria uma das janelas voltadas a Sul. Não havia sinais dos peritos do laboratório de polícia científica que tinham estado ali até de manhã. As fitas de segurança já tinham sido retiradas e as provas tinham sido recolhidas e estavam guardadas em segurança.

Louise tocou à campainha e foi recebida pela sogra da vítima. Era uma senhora de meia-idade, com cabelo louro curto e grandes olheiras escuras a marcarem-lhe os olhos.

— Entre — disse. Parecia exausta, como se a sua voz tivesse perdido toda a força. Afastou-se um pouco para dar passagem a Louise e depois fechou a porta à chave e prendeu a corrente de segurança. — Este é o último sítio onde queremos estar, depois do que aconteceu. — Indicou o vestíbulo a Louise. — A minha filha está no quarto, com a bebé. — Com o casaco no braço, a inspetora

foi seguindo a mulher. Passaram por um bengaleiro onde havia casacos e chapéus pendurados e por um roupeiro cuja tinta havia sido decapada e que ocupava quase todo aquele pequeno espaço. Na cozinha, que ficava logo a seguir à sala de estar, sentiu no rosto o vento que entrava pelas janelas que tinham sido estilhaçadas pelas balas. — Não se pode andar em lado nenhum — queixou-se a senhora. Apontou para os fragmentos de vidro que havia por ali. — Amanhã, a companhia de seguros vai enviar um vidraceiro. — A cozinha com uma ilha, muito moderna, e um enorme ecrã plano numa das paredes, estava caótica. Como era óbvio, ninguém se tinha preocupado com arrumar fosse o que fosse. — Ainda nem tivemos tempo de limpar nada. Acabámos de voltar do hospital e, além da Polícia, não esteve mais ninguém cá em casa, desde que o meu genro foi alvejado. A minha filha saiu atrás da ambulância quando o levaram. — Durante um momento, pareceu ausente. — É inacreditável haver gente capaz de fazer uma coisa destas. Desatar aos tiros contra um homem que está sossegado em casa, com a família. — Louise reparou no silêncio em que aquele apartamento estava mergulhado. Não se ouvia o som de um rádio ou de uma televisão. Não havia sinais do bebé que ali morava, não se ouvia um murmúrio. Não havia absolutamente som nenhum, além do leve rumor da rua que passava pelos plásticos que cobriam as janelas. — Inacreditável — repetiu a senhora. — Nunca ninguém é culpado! Vocês têm de pôr um ponto final nestes tiroteios, rapidamente. Uma pessoa já tinha medo de andar na rua, mas agora nem na nossa casa nos sentimos seguros. E esta onda de assaltos a casas, também! — A sala de estar estava fria e a única luz acesa era a de um candeeiro de pé, no canto que ficava perto da cozinha. Grande parte da sala estava na penumbra, mas na área iluminada era fácil perceber as marcas do tiroteio. Os rótulos postos pelos peritos da polícia científica continuavam colados nas paredes e nas ombreiras das portas e havia vários pequenos círculos feitos a giz. Louise não conseguiu perceber quantos, porque foi logo encaminhada para o quarto. — A mãe de Mie bateu suavemente à porta. Esperou um

momento e depois abriu e disse à filha que a Polícia já tinha chegado. — A bebé acabou de adormecer — murmurou para Louise, dando-lhe passagem e apresentando-a à filha. Mie Hartmann estava sentada numa cadeira de vime, de espaldar alto, junto à janela e olhava para as árvores do jardim. O quarto era claro e arejado. Havia um roupeiro espelhado que ia do chão ao teto. Um laço de seda entrançada prendia os cortinados de renda francesa, mantendo-os afastados da janela.

— Não é preciso estarem a falar tão baixinho — disse Mie. Com a cabeça, indicou o berço que estava junto à cama de casal desfeita. — As nossas vozes não a acordam.

Louise sabia que Mie Hartmann tinha 24 anos. Parecia ainda mais nova, ali sentada, com o seu cabelo louro comprido que lhe caía pelas costas; e parecia estar mais em estado de choque do que desgostosa. O rosto pálido tinha uma expressão vaga. A pele estava muito vermelha, em redor do nariz, como se ela tivesse passado os últimos dois dias a assoar-se.

Do berço chegou-lhes um som suave e Mie olhou imediatamente para a cama onde a filha dormia, mas logo a seguir voltou outra vez a atenção para as árvores do jardim. Usava um vestido de veludo suave, com capuz, e ao seu lado estava um trólei *Eastpack*, que em breve serviria para transportar roupa. Louise pensou que certamente seria a mãe da rapariga a fazer a mala, não lhe parecia que a jovem viúva tivesse energia suficiente para fazer fosse o que fosse a não ser estar ali sentada naquela cadeira, a olhar para a rua, pela janela. Louise aproximou-se e estendeu-lhe a mão e, em resposta, recebeu uma mão flácida. Apresentou condolências e depois perguntou se não era melhor irem até à sala, para conversarem um pouco.

— Não podemos ficar aqui? — perguntou Mie. Apontou para a cama de casal.

Louise afastou algumas das roupas que estavam espalhadas em cima da cama e pegou no seu bloco de notas. Era evidente que Mie Hartmann queria ficar ali para evitar entrar na sala onde o marido tinha sido morto.

— Quantos eram? — perguntou Louise.

— À tarde ou quando voltaram à noite? — disse Mie, sem desviar os olhos do jardim, como se estivesse numa dimensão diferente.

— Não sabia que tinha havido mais de uma visita — confessou Louise. — Estou a falar de anteontem à noite, quando o seu marido foi alvejado. Quinta-feira, 25 de setembro. Tanto quanto sei, o tiroteio começou às 22h37.

Mie Hartmann assentiu com a cabeça.

— Vieram cá uns, durante o dia. Mas eu estava sozinha em casa, com a cadela. E a Cecilie, claro — indicou o berço com a cabeça.

— Muito bem, vamos começar por aí — disse Louise. — Quem é que veio cá durante a tarde e a que horas?

— Não sei bem quem eram. Uns quantos psicopatas que deviam dar graças a Deus por o Nick não estar em casa, porque tinha-os matado logo e isto não tinha acabado assim.

*Pois não, o teu marido tinha acabado preso*, pensou Louise. Mas a jovem viúva parecia nem sequer ter pensado nessa possibilidade. Louise não conseguia ver qualquer vestígio de sentimentos na expressão da rapariga, parecia estar completamente fechada dentro de si própria. O choque mantinha a realidade à distância e talvez isso fosse uma bênção.

— Quando chegaram, passava um pouco das 15 horas — os olhos de Mie cruzaram-se com os de Louise. — Tinha ido ao Brugsen fazer umas compras e depois levei a cadela a passear, aqui perto de casa. Ainda estava na cozinha, a despir o casaco à Cecilie. Não percebo porque é que a cadela não deu sinal, só ladrou quando eles já estavam mesmo à porta. — Louise não tinha visto nenhuma cadela e olhou em volta. — A *Zato* foi atingida com uma bala pelos homens que voltaram cá nessa noite — explicou a mãe de Mie, que continuava de pé, junto à porta.

— Não se quer sentar? — Louise apontou para o outro lado da cama.

A senhora hesitou um pouco antes de se aproximar e de se sentar. Como se não quisesse intrometer-se no assunto, mas quisesse estar ali para apoiar a filha.

— A bala entrou por trás de uma das patas dianteiras e ela morreu quase imediatamente — disse Mie. Os olhos dela fitavam o vazio. — O Nick estava a tentar pegar nela quando foi baleado.

Louise voltou a conduzir a conversa para a primeira visita.

— Foram-se embora quando lhes disse que o seu marido não estava em casa? — perguntou a inspetora.

Mie Hartmann abanou a cabeça, negando, e emitiu um som que era qualquer coisa entre um soluço e uma breve gargalhada.

— Eu não queria deixá-los entrar, mas deram-me um encontrão e entraram na mesma. Um deles aproximou-se da *Zato* e abriu-lhe a boca. Pegou-lhe pelos maxilares e pôs-se a torcê-los até ela ganir. Depois, perguntou-me que raio de cão de guarda é que nós tínhamos arranjado, porque qualquer pessoa podia meter-lhe a mão na boca à vontade que ela não mordía. — Mie respirou profundamente e esforçou-se por não chorar. — Apesar de ela ser cruzada de labrador e *rottweiler*, nunca fez mal a ninguém. — A mãe assentiu com a cabeça, confirmando o que a filha estava a dizer.

— Puseram-se a andar pela casa toda e apontavam para uma data de coisas e diziam que o Nick estava em dívida com eles. Parecia que estavam num *self-service*. — Mie Hartmann continuava a esforçar-se para não chorar.

— O seu marido devia-lhes dinheiro?

A rapariga enrolou uma madeixa de cabelo no dedo indicador e olhou Louise nos olhos, como se isso pudesse convencer a Polícia de que alguém se enganara e confundira Nick Hartmann com outra pessoa.

Louise esforçou-se por levar a sério o olhar de Mie. Segundo a informação que Toft lhe passara, antes de ir levar Jonas à festa, eram conhecidas as ligações de Nick Hartmann aos gangues de *motards* de Copenhaga. Tinha sido visto muitas vezes nas imediações ou até mesmo a entrar na sede do clube e, durante uma rusga ao quartel-general dos *motards*, fora um dos detidos. Se estava metido na guerra de gangues que dividia a cidade em territórios sob o controlo de determinado grupo, então, fazia sentido que houvesse *motards* atrás dele.

De momento, o território dos *motards* estava sob forte pressão tanto na zona de Folehaven, em Valby, como em Vestegn, onde um grupo muito violento estava a tentar introduzir-se na cidade. Além disso, havia ainda as máfias chinesa e paquistanesa, que se mostravam cada vez mais agressivas na luta pelo poder no centro da cidade e na obtenção de dinheiro através de tudo o que fossem negócios criminosos.

Nick Hartmann podia facilmente ter amigos em vários campos, mas depois de ter sido detido no quartel-general dos *motards*, a Polícia tinha sido obrigada a libertá-lo. Não tinham nada contra ele e durante o interrogatório insistira que estava ali apenas como visita. Não dissera quem é que conhecia lá e recusara falar das suas relações com *motards*.

Por tudo isso, Louise ignorou o olhar de Mie. Poderia haver várias razões para terem ido procurar Nick Hartmann e para ele ter acabado como acabou. Naquele momento, tudo levava a crer que era o gangue de Folehaven que estava por detrás do tiroteio. Uma testemunha tinha visto uma carrinha amarela estacionada em Englandsvej ao final da tarde de quinta-feira, e sabia-se que os tipos de Folehaven costumavam usar veículos semelhantes aos de transporte de correio nas suas deslocações. Toft dissera a Louise que os colegas da esquadra de Amager tinham feito uma busca à sede deles, no dia anterior, e apreendido uma grande quantidade de armas de fogo de vários calibres e marcas que agora estavam em Slotsherrensvej, à espera de serem comparadas com as provas recolhidas pelos peritos na cena do crime.

E pertenciam a esse gangue os três homens que estavam detidos em celas da sede da Polícia, à espera de serem presentes ao juiz. Louise não ficaria surpreendida se pelo menos um deles confessasse, antes de a semana chegar ao fim. Em primeiro lugar, porque era uma questão de prestígio para o seu gangue e, depois, porque o estatuto pessoal que conferia ter abatido alguém de um grupo rival ultrapassava, em muito, a inconveniência de estar preso.

— Muito honestamente, não sei dizer porque vieram cá — disse Mie. — Dava a entender que queriam levar a televisão e

tudo o resto. O computador e os quadros que estão nas paredes da sala de estar. Também estiveram na garagem, onde estavam o *Mercedes* e o nosso carro de verão.

Louise olhou para ela.

— De que marca é esse?

— É um *BMW* descapotável. Está praticamente novo, só o usamos em dias de sol.

— E levaram alguma coisa? — Mie negou, abanando a cabeça. Louise levantou-se e pediu para ver alguns dos objetos de que os homens tinham falado. A viúva levantou-se, com relutância, e acompanhou-a. Na sala de estar meio às escuras, Louise começou por reparar nos vários aparelhos eletrónicos *Bang & Olufsen* e nos candeeiros de pé e de teto, de design, assinados por Piet Hein e Verner Panton. E até mesmo Louise, que não sabia grande coisa de arte, conseguia perceber que os quadros que decoravam as paredes não tinham sido comprados na Ikea. A primeira impressão que teve foi que tinha sido gasto muito dinheiro em coisas que não perdiam o seu valor.

A sala de estar era bem maior do que lhe tinha parecido. Continuava para lá da lareira de tijolo que ficava numa esquina.

— Para quererem levar tanta coisa cá de casa, é porque pensavam que o seu marido lhes devia mesmo muito dinheiro — disse Louise. — Aceitou a chávena de café que a mãe de Mie lhe ofereceu e, mais uma vez, deixou que os seus olhos passeassem em volta da sala. — O que é que aconteceu quando voltaram, à noite? — perguntou, olhando diretamente para Mie.

A rapariga tinha-se sentado na beira do sofá. Imóvel, com as costas muito direitas. Até que, de repente, se desfez em lágrimas. A mãe de Mie apareceu a correr, vinda da cozinha, com uma cafeteira de café e um prato com biscoitos. Pousou-os, apressada, na mesa de apoio e sentou-se ao lado da filha, confortando-a.

Mie limpou as lágrimas e bebeu um pouco do café que a mãe lhe serviu.

— Deviam ser quase 23 horas quando voltaram — disse. — Eu já estava deitada, no quarto, com a Cecilie. Ela tinha acabado

de adormecer e a porta do quarto estava aberta, por isso, eu conseguia ver o Nick. Ele estava estendido aqui, a ver televisão — deu umas palmadinhas nas almofadas do sofá, indicando o lugar onde o marido estava. — Não ouvimos nada até os tiros, de repente, começarem a estilhaçar os vidros. Parecia uma explosão. O Nick correu para a arrecadação, onde guardava a arma dele. — Mie recomeçou a chorar e nem percebeu que Louise estava a anotar que o marido tinha uma arma em casa. — A Cecilie acordou e desatou a chorar. Peguei nela ao colo e sentei-me no chão, para não sermos atingidas, caso eles viessem pela parte de trás da casa e começassem a disparar desse lado. — Mie apontou para a cama e Louise calculou que, de cada um dos lados, havia uma distância de cerca de um metro. Mesmo com uma mesa de cabeceira de cada lado da cama de casal, ainda sobrava muito espaço para alguém se sentar ali e poder continuar a olhar para a sala de estar. — Devem tê-lo visto a correr porque, de repente, começaram a disparar para a cozinha. — Mie tapou os ouvidos com as mãos, como se estivesse a reviver tudo e ouvisse novamente os tiros. — E o tiroteio continuava e continuava... era interminável. — Mie Hartmann balançava o corpo para a frente e para trás, as mãos a taparem os ouvidos. — Parecia o ataque de um esquadrão militar; os tiros vinham de todas as direções, daqui, da cozinha. Não sei quantos homens eram, mas tenho a certeza de que não era só um. — A rapariga pousou as mãos no colo, como se o tiroteio tivesse acabado naquele momento. — Acho que o Nick saltou por cima da mesa, para se ir esconder ao pé de nós, mas a Zato estava ali caída... — Louise deu-lhe tempo. Enquanto esperava, os seus olhos passearam pela sala. — Enquanto estava ali, sentada no chão, liguei para a Polícia — disse Mie, a voz entrecortada por soluços. — Eles ouviram os tiros, enquanto falavam comigo.

*Bate certo com o relatório dos serviços de emergência, às 22h37,* pensou Louise. Escreveu a hora no bloco de notas e desenhou um círculo em volta.

— Ouvi as sirenes, pouco depois. Mas nessa altura o tiroteio já tinha terminado e acho que os ouvi irem-se embora. Tenho a

certeza de ter ouvido o motor de um carro começar a trabalhar e, depois, o carro começar a andar — corrigiu e acrescentou que não tinha tido coragem para se levantar do sítio onde estava, no chão, até a Polícia chegar. — Mie escondeu a cara nas mãos. — E o Nick estava caído no chão. Se eu me tivesse levantado mais cedo, talvez pudesse tê-lo ajudado.

— Acho que fez bem em ter ficado a tomar conta da sua filha — disse Louise.

Naquele momento, o telemóvel da inspetora tocou. Era Jonas. Ela olhou para o relógio que estava na parede, ao lado da televisão de ecrã plano *Bang & Olufsen*; ainda só eram 21 horas. Por um instante, teve medo de ter perdido a noção do tempo, mas rapidamente percebeu que ainda faltava uma hora e meia para o ir buscar.

— Olá! — Louise atendeu e afastou-se um pouco de Mie e da mãe.

O tom de voz de Jonas tirou-a da calma em que estava.

— Depressa, vem para cá! Rápido! — gritou Jonas.

# A DEUSA DA VINGANÇA

Quando a inspetora Louise Rick recebe uma chamada do filho, Jonas, que tinha deixado algumas horas antes numa festa de aniversário com amigos, não imaginava o pesadelo que a esperava. Ao saber que um grupo de adolescentes violentos invadira a festa, Louise corre para o local, para descobrir que a mãe da aniversariante, a sua amiga Britt, tinha sido espancada, e que a filha dela, Signe, fora atropelada enquanto fugia.

Louise tenta apoiar Britt enquanto esta recupera, mas quando dois dos adolescentes são também alvo de um violento ataque, a amiga é a principal suspeita. Louise não pode crer que o caso seja tão simples. Alguma coisa está errada, mas o quê?

Quanto mais Louise investiga, mais complexo o caso se torna. Porque terão os adolescentes atacado aquela festa? E conseguirá Louise provar a inocência de Britt?

**Sara Blaedel está de volta com mais uma história emocionante e personagens misteriosas que garantem um final imprevisível.**

Da mesma autora:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-8917-65-2



9 789898 917652

Thriller